MARIA HELENA FARELLI

a magia do VODU

PARA VOCÊ CONHECER
E APRENDER

Pó da Sedução
Trabalhos com Bonecos
Trabalhos para Saúde e Dinheiro
Zumbis e Mortos-Vivos
Iniciação das Bruxas

EDITORA
LUZ DE VELAS

1ª edição

1995

F222m Farelli, Maria Helena
A magia do vodu / Maria Helena Farelli
Rio de Janeiro, Luz de Velas, 1995
112p.

1. Esoterismo. I. Título

CDD – 133

Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade da autora

ISBN 85-85797-02-9

Os Direitos Autorais desta edição são reservados à
EDITORA LUZ DE VELAS
Rua do Bonfim, 189 – São Cristóvão
Tels.: 235-2440 / 236-5986 / 256-2975 – Fax: 237-4583
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20930-450 – Brasil

*

MARIA HELENA FARELLI

Atende com cartas de Tarô, com búzios, toalha cigana, Opô-n'Ifá, e jogos vodu nos seguintes locais no Rio de Janeiro:

- LOJA SARAH KALIH
  Rua Figueiredo Magalhães, 598 – 2° andar, loja 122 – Tel.: 255-0297.

- TEMPLO DE MAGIA CIGANA
  Rua Cisne de Faria, 40 – Maria da Graça, Tel.: 281-1693 ou 261-3660.

- RESIDÊNCIA
  Rua Décio Vilares, 154/301 – Bairro Peixoto, Copacabana, Tel.: 235-4006.

*

1ª edição

1995

F222m Farelli, Maria Helena
A magia do vodu / Maria Helena Farelli
Rio de Janeiro, Luz de Velas, 1995
112p.

1. Esoterismo. I. Título

CDD – 133

Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade da autora

ISBN 85-85797-02-9

Os Direitos Autorais desta edição são reservados à
EDITORA LUZ DE VELAS
Rua do Bonfim, 189 – São Cristóvão
Tels.: 235-2440 / 236-5986 / 256-2975 – Fax: 237-4583
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20930-450 – Brasil

*

MARIA HELENA FARELLI

Atende com cartas de Tarô, com búzios, toalha cigana, Opô-n'Ifá, e jogos vodu nos seguintes locais no Rio de Janeiro:

- LOJA SARAH KALIH
  Rua Figueiredo Magalhães, 598 – 2° andar, loja 122 – Tel.: 255-0297.

- TEMPLO DE MAGIA CIGANA
  Rua Cisne de Faria, 40 – Maria da Graça, Tel.: 281-1693 ou 261-3660.

- RESIDÊNCIA
  Rua Décio Vilares, 154/301 – Bairro Peixoto, Copacabana, Tel.: 235-4006.

*

*

Após escrever trinta livros de sucesso, MARIA HELENA FARELLI lança agora "A MAGIA DO VODU". Livro sério, belo, mágico. Sem dúvida inovador, sobre este tema tão secreto. E para escrevê-lo a autora foi a Nova Orleans e ao Haiti, além de ter ido ao Benin, ver de perto a manifestação do êxtase voduico. Sem dúvida está de parabéns a editora e a consagrada autora com este novo "best seller" da literatura sobre magia no Brasil.

Maurício Salomon
(Presidente do C. E. Mágicos e Ocultistas)

Vodu! Sobre o tema, só a Farelli poderia escrever. Ela não teme entrar em contato com o mundo da magia, por mais terrível que possa lhe parecer, leitor. E, por certo, você vai se arrepiar ao ler certas partes deste livro tão intrigante.

Dr. Cavalcanti Bezerra
(Instituto de Parapsicologia)

*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

CAPÍTULO 1
Os vodus do mar, dos rios, dos montes, do céu e da terra 17
Uma cerimônia vodu em Abomey 23
Como é a cerimônia de iniciação vodu 25

CAPÍTULO 2
A erva-de-cinco-em-rama 27
Uma multidão de bruxos e tarólogos 30
Uma boneca de pano carregada de ódio pode matar? 31

CAPÍTULO 3
As bruxas e o bode 35
A mão morta de um homem mau pode fazer grandes magias; assim pensam os vodunos 40

CAPÍTULO 4
No vodu, um deus olha o mundo com indiferença 43

Um vaso cheio de cobras vivas passa de mão em mão 47
A ansiedade dos membros da seita 50

CAPÍTULO 5
Os gatos feiticeiros 53
A boneca preta vestida com sinais cabalísticos. O colar de vértebras de cobra. Os ossos de perna de peru 58

CAPÍTULO 6
As bruxas e seus demônios 61
Papa Nebo e Baron Samedi, os donos da feitiçaria do Haiti 67

CAPÍTULO 7
Os três principais simbolismos do vodu 69

CAPÍTULO 8
A sociedade secreta dos homens-lobo 75
A possessão e suas conseqüências 78
Trabalho vodu para melhorar o seu dinheiro 78
As bruxas vodu e seus métodos 79
Como "carregar" uma peça (bola ou boneca) com força mágica 80

CAPÍTULO 9
A magia negra do Haiti 83
Os zumbis e os mortos-vivos 86
Como são feitos os zumbis 91

CAPÍTULO 10
O Panteão voduico 93
Trabalho vodu para o dinheiro 96
O *bocor*, o mago, o bruxo, o médico e o punhal mágico 97
O embruxamento – a figura de cera 98
Eromancia: adivinhação antiga vodu 98
Animais do vodu e os planetas mágicos 99

CAPÍTULO 11
Treze trabalhos de vodu para melhorar sua vida 101
Para atrair prosperidade 103
Para ser feliz no amor 103
Magias do amor no rito vodu 103
Para atrair clientes 104
Para atrair a sorte 104
Para viver um amor ardente 104
Para ter mais saúde 104
Para conseguir uma promoção 105
Para ficar mais atraente 105
Receita do pó da sedução 105
Para conseguir uma viagem 106
Para a harmonia da família 106
Para ganhar muito dinheiro 106
Para ter sorte nos estudos 106
Para conseguir namorado 107

APRESENTAÇÃO

A gente associa imediatamente a palavra vodu com a cultura do Haiti e de outras ilhas. Mas o terrível culto vodu possui uma grande quantidade de iniciados nos Estados Unidos, pois este culto estabeleceu-se desde o início da escravidão negra em Nova Orleans e ainda se mantém aqui atualmente.

O vodu chegou à América do Norte há uns duzentos anos, vindo do Daomé para as Antilhas. Difundiu-se rapidamente, espalhando seus bonecos e alfinetes, seu medo e assombrações. Por isso as autoridades norte-americanas proibiram a importação de escravos das Antilhas, alegando que poriam em perigo a vida das pessoas nas cidades norte-americanas.

Apesar disso a seita vodu espalhou-se pelos Estados Unidos mesmo com a probição feita aos escravos de se reunirem para praticar uma religião, visto que acreditava-se que os negros não tinham alma; logo, só poderiam adorar o demônio. Ocultos nas matas, os negros do Daomé faziam seus toques festivos aos loas e seus fetiches estranhos. E como ao passar dos tempos as proibições abrandaram eles foram organizando, o culto e a cidade escolhida foi Nova Orleans, onde há a Casa do Vodu Maior, fundada por volta de 1803.

Toda a cerimônia vodu possui um rei e uma rainha, uma mãe e um pai, sendo que à rainha cabe o poder

maior. Assim, vemos que o vodu é um culto matriarcal. Para fazer o vodu acendem-se fogueiras e uma batucada incrível anima a cerimônia. E no momento do êxtase dos participantes a mãe tira uma cobra de um cesto e faz com que o animal lamba seu rosto. Esta cobra é Dambalá, a serpente sagrada do Daomé, o grande vodu, que dá aos seus filhos o poder de ver além da realidade, de se transformar em um bicho ou uma planta, e todos os poderes mágicos que um voduno possui.

A rainha vodu me contou que, segundo seus mitos, os primeiros homens nasceram cegos e foi a serpente quem deu a visão à raça humana.

Para este deus e outros do mundo mágico dos vodus oferecem-se caldeirões com água fervendo onde são colocadas galinhas, cachorros, sapos e, sempre, uma enorme cobra. Com olhos arregalados, babando, os vodunos gritam: "Ele está chegando, o grande Zumbi vem aí. Ele vem fazer os *gris-gris* (despacho)!"

Os passistas, vestidos apenas com tangas vermelhas, saltam no meio do terreiro, carregando na mão um pequeno caixão de defunto. Colocam estes caixões aos pés da sacerdotisa e dançam mais alucinados. Rodam em volta da fogueira até caírem exaustos. Nisso os outros fiéis começam a dançar, bebem do caldeirão, e tomam canecas cheias de *tafiá* (aguardente) e entram em transe.

Foi desta forma que os vi em Nova Orleans, e que, após um ano de preparação, me tornei uma sacerdotisa vodu. Hoje sei riscar o círculo mágico do vodu, os poderosos sinais que chamam os espíritos da floresta do Daomé, os encantados das águas e das lagoas, os bruxos da Guiné e os perigosos vultos que animam os bonecos de cera, os pedaços de osso, as bolas

imantadas. Com estes vodunos dancei até chegar ao êxtase e ver, com os olhos abertos ou fechados, a imagem de Dã dançando ao meu lado. Vi as almas das primeiras rainhas, Sanite Dede e Marie Laveau. Vi o fantasma do negro Zozo, enorme, com seus amuletos macabros. Toquei na erva de cinco-em-rama, a grande folha dos vodunos e agora, como num sonho, vou relatar segredos deste culto fechado, macabro, terrível, jamais revelados ao público, mas que em si tem muita coisa bela também, muito da alma do negro, seus sonhos de liberdade, a nostálgica saudade de suas terras e que por elas são capazes de tudo para manter em si algo de sua Guiné abandonada para nunca mais, nas garras da escravidão.

Sim, eu vi os espíritos das grandes mães-de-santo do vodu. Uma delas foi a Laveau e sua filha, também chamada Marie. Ela era uma mistura de sangue negro, índio e branco. Tinham formas esculturais, cabelos pretos muito compridos e ondulados, olhos grandes, negros e brilhantes. Ela sempre fazia orações por horas, com pimentas na boca. Fazia bolas enfeitiçadas e magias que ficaram na história deste culto. Zozo tinha gatos empalhados. A segunda Marie trabalhava com nove velas, açúcar, gelo, bolas de cera, bonecos e agulhas. Dizem que matava pessoas com suas mirongas... talvez seja lenda, mas em busca da verdade deste culto comecemos a entrar em contato com sangue de morcego, pós, peixes assados com nomes dentro, ervas diabólicas e círculos mágicos. Vamos levantar o caldeirão destas velhas bruxas e ver o que tem lá dentro, misto de sonho e pesadelo.

Maria Helena Farelli



1º

capítulo

OS VODUS DO MAR, DOS RIOS, DOS MONTES, DO CÉU E DA TERRA

O medo das sombras.
O barão do mundo subterrâneo.
As velas negras dos feiticeiros.

No panteão africano do Daomé há um deus principal chamado Mawu. Mawu tem seu complemento com Lisa, sua mulher em algumas versões, seu filho em outras. Depois, vem uma série enorme de deuses secundários, Aido Hwedo, Gu, Loko, Aizu, Akazu, Adjakana, Hebioso. Todos eles são vodus, isto é, "santos" ou "espíritos". Há os vodus dos raios, da terra, do céu, dos montes, e os do mar e dos rios. Enfim, há uma completa divinização das forças naturais como no culto ioruba que deu origem aos candomblés no Brasil. Mas, em Nova Orleans os vodus se misturam (assim como no Haiti) com elementos sudaneses e bantus e do catolicismo popular das massas. E os espíritos vodus passaram a ser chamados loas (*lois*) e muitos deles moram nos cemitérios. Dentre os loas (ou loás) os mais famosos são:

Legba, o mensageiro dos vodus, o maior dos deuses do Daomé

Dambalá, o vodu-cobra, o primeiro vodu criado por Deus (segundo os vodunos)

Loko, o deus das árvores, qual Iroko dos nagô

*

Agbéto, deus do mar
Zofi-Badê, deus das montanhas
Ayizan, guardiã das ruas
Agovi, protetor da riqueza
Gûhune, deus da guerra
Agâmâ, deus das tempestades
Za, deus do Tempo
Canga Kaplaou, deus da varíola, e de sua cura
Ti-Bita, vodu da morte
Ibo-Ibliki, vodu da fartura e dos tesouros
Golimin, vodu das casas e lares
Adanhuso, vodu da grande magia
Dambalá Laflan-Gbo, o grande deus-cobra
Ossange-Batagri, deus vodu protetor das mulheres
Rei de Angola, mito dos vodunos do Haiti
Maria Luisa, grande-mãe do Haiti
Barão Sábado, deus dos cemitérios no Haiti

Estes vodus têm alguma ligação com os cultos nagô. E eu queria saber por mim mesma como a religião iorubana, considerada a origem do vodu, é vivida hoje pelo povo. Queria visitar a antiga monarquia daomeana para saber se o governo socialista havia exterminado os restos da crença ancestral. Queria, após ter escrito trinta livros de magia, fazer um tipo de peregrinação. E parti atrás da origem do culto daomeano, o vodu da vida e da morte.

Na viagem, minha primeira parada foi o Togo, país vizinho a Benin. Terra estranha, quente e sensual. E, para começar bem, pois sou uma maga, e queria ser uma bruxa, fui ao Mercado das Bruxas da capital, Lomé. O mercado fica perto da cidade. Ele é visitado por turistas de várias partes do mundo. Os bruxos

*

lá estão com suas cabeças de macaco, pós pretos, giz branco, bonecos de argila, paus de procurar espíritos etc. Deixo-me envolver pelo clima de bruxuleio e fantasia. Junto à barraca de uma bruxa deixo-me pulverizar com um líquido de magia e me sinto bem. A bruxa pega um bonequinho do altar e enfia um cigarro aceso na boca aberta do boneco, mandando que eu faça um pedido. Se o homem fumar o cigarro, ele será aceito. Compro uns talismãs e alguns fios de conta belíssimos e caminho. Converso com outra bruxa sem dentes, e mesmo assim sorridente, que me fala: "A palavra vodu deriva do *vodun* (deus, espírito ou objeto sagrado), no idioma Fon, daqui da África. A palavra refere-se a crenças e práticas que surgem aqui e foram para a América e para as ilhas do Caribe. É magia negra, com entes sinistros, malignos, como por exemplo o Barão Sábado, que mora no cemitério. Tenho parentes no Haiti e são gente que espeta bonecas com alfinetes e acendem velas pretas", fala a bruxa.

"Há oráculos e a participação de espíritos ancestrais, mas há ainda deuses que baixam e possuem os fiéis", conta a bruxa.

Meus cabelos estavam molhados pelo calor que fazia no Mercado. Fui a uma tina e lavei os cabelos. E ela me diz:

"Você não deve deixar os cabelos molhados, a água é um solvente, e além disso um ímã para os espíritos. Cabeça molhada é um evidente perigo, pois pode atrair os espíritos." Fala e sorri, fantasticamente.

Aceito com calma a sugestão e compro mais talismãs em sua barraca. Caminho. O sol está a pino. É meio-dia.

"Esta é a hora mais perigosa do dia", conta a bruxa.

Indago por quê?

"É a hora em que as pessoas não projetam sombras, verdadeiro eclipse da alma, uma oportunidade para os espíritos que andam buscando residências..." Gargalha e se move como que expulsando espíritos. Fala também das bruxas que se infiltraram pelo sopé das cabanas para sugar o sangue das vítimas, verdadeiros lobisomens.

Caminho pelo Mercado. Há favas, guias de contas, patuás, vinho de palma, aguardente, melancias, batata doce, bananas e cheiro de incenso no ar. Lomé é um antro de bruxos e de crenças.

Parto agora para Benin (antigo Daomé), local muito quente e úmido. E busco mais informações sobre a origem iorubana do culto vodu.

"O vodu é daomeano e é uma religião, embora seja também em alguns aspectos magia negra". É uma religião porque todos os adeptos crêem na existência de seres espirituais que vivem em alguma parte do universo em estreita intimidade com os seres humanos. E eles dominam os seres humanos. O maior dos deuses é o Papai ou Grande Mestre e tem direito a homenagens especiais.

"O vodu é uma religião porque através da confusão das lendas e a corrupção das fábulas se pode depurar uma teologia, um sistema, graças ao qual, primitivamente, nossos antepassados africanos explicavam os fenômenos naturais", fala um iniciado em Vodu no Benin. Ele é Glele, um negro de quase dois metros, que é sacerdote vodu. Todos o temem. Eu o achei inteligente e bom.

"O mistério sempre rodeou as cerimônias vodu, e vai continuar assim; nós podemos matar ou salvar com

nossa força nos voduns", conta Glele... e me dá um lenço vermelho, que acredita ser poderoso por ter sido usado numa cerimônia dos espíritos maus.

Olho para dentro de sua cabana. Uma grande cobra se arrasta ao chão. É Dambalá, a serpente poderosa que liga o céu com a terra, o vodu mais cultuado na magia negra.

Glele se recolhe para dentro da cabana e o espírito age nele. De repente toma da cobra. Cobre-a com seu corpo. E ele todo se agita, fica em estado convulsivo, e o oráculo sai pela sua boca: "Você será sacerdotisa vodu..."

Saio. Vou a Oxogbo (Nigéria) onde cabanas fantásticas cercam o rio de Oxum; a seguir fui ao lago Kaindji onde moram espíritos vodunos e dãs sagradas, e de lá voltei a Benin, em Abomey, para ver um ritual vodu africano e ver realmente a raiz deste culto que estava pesquisando. Depois iria para o Haiti, provar as beberagens alucinógenas dos loas das Ilhas...

Uma cerimônia vodu em Abomey
Os bou-hou e os oráculos de Dã. Cada um tem em si o maldoso espírito e o anjinho bom. Saiba conviver com eles.

As cerimônias vodu são oficialmente proibidas hoje em dia na África. Mesmo assim tive a oportunidade de participar de uma delas, assistida até por outros brancos turistas. Tivemos que ser levados ao templo pelo guia, pois é praticamente impossível sem um deles achar um templo vodu ou um santuário (djehou). O templo (bou-hou) é uma casinha insignificante, pelo

lado de fora, sem nada que possa nos lembrar um antro de feitiçaria. O guia me leva a um sacerdote de adivinhação. E eu, que há trinta anos leio a sorte das pessoas com cartas do Tarô e búzios, me submeti ao jogo do adivinho.

Ele balanceia uma corrente com cascas de semente na direção dos quatro ventos, murmura uma prece em sua língua e deixa cair a corrente, as pedras e os búzios. E fala. Acerta muito. Outros membros da seita entram em transe, olhos arregalados, espuma nas bocas, uivos, e duas galinhas são sacrificadas. Após, são cozidas e todos comem delas. O que é bonito nas cerimônias vodu é que, depois de sacrificadas, as oferendas alimentam os pobres. Os deuses ficam satisfeitos e os pobres também...

Agora vou a Cotonou, em Benin, e vejo um sacerdote que me diz que a alma é o Grande Anjo Bom, que se manifesta no hálito e na sombra de cada um. Ele coexiste com o Pequeno Anjo Bom que se associa à penumbra, ao espírito e à consciência. Às vezes é também chamado Zumbi. Estes dois elementos habitam o "corpo cadáver", o corpo mortal. Mas é o Pequeno Anjo Bom que estabelece contato entre os dois outros componentes do trio. A comunicação é precária, pois a alma ou Pequeno Anjo é afetada por feitiços, emoções, trabalhos, mudanças, tristezas, melancolias. Também é afetada pela inveja, ódio, luxúria. Além disso o Pequeno Anjo é afetado pelo dia-a-dia, e precisa ser descarregado.

Ele me pergunta se sou casada ou se quero "fisgar" alguém. Sorrio e ele me revela sua receita mágica para agarrar marido...

"Pegue uma fatia de toucinho e use no sapato por três dias. Depois faça uma comida qualquer para a

pessoa amada e inclua nesta comida o toucinho. O Pequeno Anjo é atingido e a pessoa fica encantada..."

Coisas da África. Saio deste belo país e vou a Nova Orleans ver de perto os loas e os assustados espíritos do universo voduno.

Como é a cerimônia de iniciação Vodu

Uma das cerimônias da iniciação no rito vodu é a seguinte: vai-se a uma encruzilhada, que é um local propício para bruxos se encontrarem, e toma-se um galo preto que ainda não tenha tido contato com uma galinha. Deve-se levar o galo para a encruzilhada sem que ele faça nenhum ruído. Às 23 horas traça-se na terra um círculo com uma varinha de goiabeira. E espera-se a meia-noite. Quando derem as 12 badaladas, sacrifica-se o galo. A seguir vira-se o galo para o oriente e o voduno faz a seguinte oração de joelhos: Vodu Legbá, vodu Legbá, vodu Legbá, me faça forte, invencível, dominador do mal e do bem.

Assim a pessoa que for iniciada poderá tornar-se dona de grande força e tornar-se rica com a ajuda dos voduns.

Depois do sacrifício deve o iniciado ir a uma clareira e lá riscar a estrela pentagonal, a de cinco pontas, chamada de estrela flamejante. Depois de riscada deve o iniciado soprar cinco vezes, uma em cada ponta, aspergindo outras cinco vezes com água lustral; nesta água deve haver mirra, aloés, enxofre, cânfora, mel. Sopra-se outras cinco vezes pronunciando os nomes: Legbá, Dã, Papa Nebo, Papa Aidô, Barão Samedi. Ao sair da clareira o iniciado não deve olhar para trás, em risco de ver coisas ruins e assustadoras.



2º

capítulo

A ERVA-DE-CINCO-EM-RAMA

O afastamento dos demônios.
O boneco e a bola enfeitiçada.
Os choques magnéticos.

*

Chego a Nova Orleans e sinto o clima maravilhoso desta cidade onde uma mistura de culturas e raças, herança da colonização de franceses e espanhóis, com forte influência dos escravos do Daomé, (hoje República Popular de Benin) trazidos das Antilhas, dá o toque místico. Aqui é o berço do *jazz* e uma das cidades mais divertidas dos Estados Unidos.

Em uma bela carruagem antiga percorro as ruas estreitas do French Quarter. É como penetrar num túnel do tempo e visitar o século passado. As casas típicas datam em geral de 1850 e têm varandas em gradis de ferro bem trabalhado. A maioria destes gradis foram mandados construir pela baronesa Almonester Pontalba, uma mulher diferente das de então, pois numa época (1851) em que as mulheres usavam saias compridas, de babados, a baronesa vestia calças de homem, prendia os cabelos e ia pessoalmente visitar as obras dos prédios por ela encomendados.

Penso em ir almoçar uma bela comida *créole* neste bairro tão europeu quanto negro. E é neste bairro que encontro a loja especializada em produtos vodu e a famosa erva-de-cinco-em-rama. Dizem-me que devo ir ao museu onde na entrada há um grande retrato de

Marie Laveau, a mais famosa praticante de magia negra de Nova Orleans

Uma multidão de bruxos e tarólogos

Estou na Plaza de Aemas, onde grupos musicais e cantoras cantam *jazz*. Ao lado da praça trabalham alguns pintores, enquanto jogadores de tarô e cartomantes ficam disponíveis em suas mesinhas. O clima de esoterismo é forte neste local. Aqui reinou absoluta Laveau, a rainha vodu, e aqui encontro uma lojinha vendendo produtos desta prática macabra. Entro na loja, e um negro belíssimo me atende. Fala que cerca de 20% da população da cidade é praticante do vodu. E há mesmo um Museu Vodu, onde poderei aprender muito sobre o tema. Depois pretendo ir, mas agora o que me interessa são os produtos vendidos nesta loja. Vejo fetiches em madeira preta, todos espetados com estiletes, encantações escritas em papel de seda ou em couro de animais, fórmulas mágicas criadas por Marie e a famosa erva do mal. Pego uma erva e vejo que esta planta tem uma folha dividida em cinco segmentos e ao ser pendurada na porta de uma casa ou na cabeceira da cama dá um sono tranqüilo. Afasta os demônios, eles dizem... Cada uma das fo- lhas tem um significado especial:

1) para dar sorte
2) para dinheiro
3) para sabedoria
4) para poder
5) para o amor.

Vejo saquinhos com pó de amor, óleo de retorno, água dos anjos, óleo do inferno, pó de sucesso, gotas de atração, diabinho na garrafa, e muitos outros semelhantes. Compro um bocado deste produtos. E mais a raiz maravilhosa: quem a usa encontra tesouros...

O proprietário da loja diz que tem as famosas bonecas vodu que podem matar. Peço uma e a explicação...

Uma boneca de pano carregada de ódio pode matar?

Sei que a imitação tem sido usada pelo homem desde o começo de sua existência: para comunicar-se com espíritos, para representar, para praticar ritos mágicos, para atrair a caça (como os homens da pré-história e seus desenhos nas cavernas), para chamar a chuva, para que as colheitas sejam férteis, para afastar o perigo, para prejudicar os inimigos, ou pessoas indesejáveis, e até para conseguir o amor de alguém.

A tradição da magia de imitação foi preservada até os dias de hoje e os estudiosos do assunto são capazes de enumerar muitos catálogos de receitas mágicas. No livro "Magias para o Amor" enumerei dezenas destes trabalhos.

Mas a pergunta do negro dono da loja me assombra:

"Quer fazer mal a alguém? Vamos fazer uma boneca feita de cera, massa ou chumbo ou pano, vamos prepará-la e ela vai matar ou prejudicar quem a senhora queira", falou o dono da loja vodu.

Sei que feitiço de boneca é coisa muito antiga. Foi utilizado no Egito e na Grécia, na Mesopotâmia, na Índia, em Roma e na África Negra. Um dos casos mais recentes ocorreu em 1964, perto de Sandringham,

Norfolk, onde foi encontrada uma boneca de 15 centímetros de comprimento, feita de massa de modelar e com uma lasca de espinheiro perfurando-lhe o coração. Dizem os vizinhos que a mulher que ali morava morreu de ataque do coração. Bem, talvez tudo não passe de lenda, mas indago ao vendedor:

"Como a boneca vodu pode matar?"

"Faz-se uma imagem da pessoa que se quer matar com pó de pedra misturado com goma, depois coloca-se a imagem junto ao deus vodu que se adora, coloca-se a imagem dentro de um vaso e queima-se o vaso e o boneco no forno. Depois retira-se o vaso já chamuscado e põe-se um pedaço de gelo na intenção da pessoa. O gelo se derrete e a feitiçaria está completa", fala o vendedor e me mostra bonecos feitos de pedra com goma, feios e retorcidos.

"Ela funciona melhor que uma bola enfeitiçada, mas se não for feita no preceito dá choque de retorno em quem faz."

"Quando o voduno espeta uma boneca com ódio ele está usando este sentimento para transferir para a pessoa o que quer que aconteça. A vítima só sente os efeitos do feitiço quando a imagem (boneca) está carregada de ódio e é deliberada e não ocasionalmente maltratada", conta o dono da loja.

"Os ritos de carregar são meios de concentrar a fúria do mago vodu, mas, mesmo assim, a imagem passa a contar com uma vitalidade demoniaca própria", fala e está sério como um monge negro.

Sei que uma boneca pode ser carregada de várias maneiras: oração invertida, queima de incenso, sacrifício de sangue, impacto súbito de um veneno paralisador, enfim, tudo isto pode contribuir para que

uma imagem, especialmente uma feita para a magia, ganhe uma negra e abundante vitalidade que pode destruir a si própria, no consciente e subconsciente, sobretudo durante o sono.

Mas de nada adiantariam os ritos se a boneca não estivesse ligada à vítima (com pedaços da roupa da pessoa, tiras de pano de roupas da casa da pessoa, unhas, cabelos) e tivesse sido feita na intenção da vítima, de modo que o alvo fosse certo. Assim, a boneca tem sido, através dos séculos, um suporte de bruxarias dirigidas.

De acordo com o que aprendi com minha bisavó cigana, a imagem deve se parecer o mais possível com a vítima e seu nome ser dado à figura.

O homem da loja sabe disso também. E me pergunta:

"Trouxe chumaço de cabelo da vítima, pedaços de unhas?"

Explico a ele que não quero matar ninguém, só desejo comprar material vodu e conhecer a loja, as plantas e os pós... ele fica meio desconfiado, pois pensava que eu seria uma boa cliente... mas me vende assim mesmo vários produtos mágicos. Minha bolsa já estava lotada de talismãs quando saí e fui ao Museu Vodu e vejo na entrada a bela figura da rainha desta seita, com seu jeito soberano e forte.

Pelo Museu vejo que a maioria das pessoas nos Estados Unidos teme o vodu, pois casos são relatados aos milhares neste local. Sei que o vodu não é praticado exclusivamente nesta cidade. Foi praticado e atualmente ainda o é no mundo inteiro. E continua sendo seguido na sua forma antiga em muitos países da África, como constatei. Pelo Museu sei que o culto

existe nos Estados Unidos e é uma realidade, muitos o temem, com seus encantamentos e fórmulas estranhas. As bruxas vodu estão à solta pelas cidades americanas, com seu sangue de morcego, pós de cemitério e bonecos enfeitiçados.

Saindo do museu penso se alguém seriamente pode dizer que os cultos de vodu não são secretos e misteriosos?

3º

capítulo

AS BRUXAS E O BODE

As bruxas vodu usam bodes
para sacrifícios,
para conversar com eles,
para se transformarem neles;
assim crêem os adeptos.



*

É noite, e é nesta hora que a cidade de Nova Orleans deixa ver todos os seus encantos e magias. As ruas do bairro francês se enchem de gente de todas as cores, raças, roupas e de classes sociais diferentes. A meca é o Preservation Hall, espécie de museu vivo do *jazz*, onde artistas apresentam a música mais tradicional, tal como era tocada em sua origem. O Preservation é uma casa bem velha, mas muito atraente, com bancos duros e praticamente sem aparelhagem de som. Isto para que o *jazz* seja bem tradicional.

Entro agora numa velha casa de tijolos vermelhos e vou ao encontro de uma famosa sacerdotisa, que dizem que anda em bodes e outros dizem que ela se transforma em bode.

Ela me recebe. Seu aspecto é sinistro. Falo que sou maga, que atendo pessoas no Rio de Janeiro, que jogo Tarô e búzios, que também faço vodu, mas para o amor, e ela ri e diz:

"O maior vodu é o da morte..."

Sua casa, pelo lado de fora, é bela, mas aqui dentro é dantesca. Couros espalhados pelas paredes, gatos empalhados, caldeirões, vassouras, pêlo de bode, cabeça de bode em cima da mesa (empalhada) e bonecos vodus...

Lembro-me que há dois séculos eles, os montadores de bodes, passam velozmente pelos céus em nossa imaginação. Dizem os historiadores de ocultismo que eles vêm para matar ou roubar. Pelo menos era assim que se lia nos contos fantásticos sobre os montadores de bodes, adoradores do demônio. Seita secreta da Europa, como foi surgir aqui, nos Estados Unidos, na capital do *jazz*, enleado ao feitiço vodu?

Lembro que os pesquisadores os viam em bandos sanguinários, praticando diabruras, crimes e roubos. Com o tempo se mesclaram de cores bem folclóricas. Nas festas da Europa antiga eles passeavam sobre vilarejos, onde eram temidos, e sobre as capelas para assustar os padres. Restam agora poucas informações sobre estas figuras aladas que povoam o mundo de pintores como o de Jeronimus Bosch. Estes montadores eram bruxos com intercâmbio com demos obedientes e cabeçudos, chifrudos e alegres, parte humanos, parte animais.

Pergunto à feiticeira vodu, Santé, se ela usa o bode para magia negra e ela me diz: "Converso com os bodes vivos, deles aprendo muitos trabalhos. Até com eles ando por aí à noite..."

"Você monta nos bodes e voa?"

"Sim, eles são meus companheiros de trabalhos."

"De onde vem esta prática?"

"No Daomé os deuses e os demos nos ensinaram. No Daomé, os voduns são os espíritos."

Minha avó que veio de Benin cantava:

Vodun e gni Mahounou
(O Espírito é uma coisa de Deus)
Mahou ouè do Vodun
(Deus possui o espírito)

"Os voduns que trabalho são Simbi-Ampaka, Limba-

zaou, Zazi-Boulonmin. Ossange-aguélingui, Nuvavou, Ibo-kikilibo, Ibo-Ikanman, Adume-ghidi, Za. Trabalho também com Taureau Duchene, Ersulie-Balianne, Femme-Clieche, Brisé, Roi d'Ángole, Guéde l'orange. Estes não são de Benin, são do Haiti, onde viveu minha mãe", fala a voduno.

"E Legba?"

"Ah, você o conhece? Para ele sacrifico carneiros e galinhas. Ele é o espírito do mal, em oposição a Dangbé, o espírito do bem. O seu símbolo são as árvores perigosas e o falos."

"E quais os outros voduns?", pergunto.

"Ayda Ouedo é a dança para o arco-íris e Ayizá, a deusa guardiã das ruas. Ativodu é o gênio das árvores, espécie de protetor do lar, da casa. O seu símbolo são as árvores que se plantam nos pátios das casas e ele é objeto de culto muito grande no Haiti, dizia a minha mãe", conta a bruxa.

"E quais os outros voduns?", indago.

"Agasu, deus dos costumes e das tradições de nossa amada Daomé. Agbéto, gênio do mar, Haviyoso, deus dos raios, GBO, deus dos raios também, Loko vodu que se encarna na árvore, Marassa, os gêmeos protetores." Fala e pega a cabeça empalhada do bode e começa a conversar com ela. Um frio me corre pela espinha quando ela fala com o bode empalhado e ouço seus uivos como se estivesse em transe. Ela chama o Barão dos Cemitérios e dança com a cabeça do bode uma dança que assusta e atrai ao mesmo tempo. Chama por Ougou Balindjo (São Jaques Maior), Agonime (São João), Grande Mambo Batala (Santa Ana), São Luiz Rei de França, um touro negro empalhado em sua parede...

E monta na cabeça do bode rodopiando.

Lembro que em um livro escrito em 1779, Slemada menciona que um bando de montadores de bode surgiu em 1680 em Overmaas formado de fugitivos da Europa Oriental compreendendo tártaros, egípcios, sarracenos. Provavelmente eram ciganos. Foram acusados de montar em bodes e corridos das cidades. Em 1725 foram enforcados vários montadores de bode em Heik, Alemanha. Agora vejo este culto numa cidade moderna do país mais moderno do mundo. Coisas da magia...

A mão morta de um homem mau
pode fazer grandes magias;
assim pensam os vodunos

Outra prática que a bruxa vodu me revelou foi a de que a mão morta de um homem que tenha sido mau em vida serve para fazer esconjuros e bruxedos. Serve para pactos diabólicos.

Novamente vejo coisas da bruxaria européia aqui, em meio a estes praticantes de vodu. Não sei se eles dizem estas coisas para impressionar apenas e ganhar dinheiro dos fregueses ou se realmente as usam. O que vi foi um bode empalhado, gatos empalhados, couros, vassouras, ervas e muita lábia... Até onde funcionam não o sei... Talvez sejam estas coisas como os sapos e bolos, sopas de hóstias e tolices assim de que falam os horrores da caça às bruxas na Europa. Pelo menos a voduno se crê voando pelos ares num bode chifrudo...

A figura do bode pertence às mais antigas crenças pagãs. Pã, o deus de Atlântida, era desenhado com

cascos de bode, como afirmo em meu livro "Rituais Secretos da Magia Negra e do Candomblé". Nos mistérios de Dionísius os gregos utilizavam a máscara e a pele de bode nas cerimônias. Priapo, deus romano dos campos, tinha cara de bode. E o que dizer de Dionísius? Um bode e tanto. Os celtas e etruscos adoravam deuses-bodes na época da colheita. O carro do deus Thor foi puxado por bodes. O bode da era pagã transformou-se no Diabo da era final da Idade Média. E nas crenças antigas as bruxas montavam em bodes, cachorros, lobos, carneiros pretos e na famosa vassoura, uma aquisição mais recente... Os mitos também sofrem mudanças e se modernizam. E esta voduno carrega em si crenças ancestrais, para ganhar o pão de cada dia...



4º

capítulo

NO VODU, UM DEUS OLHA O MUNDO COM INDIFERENÇA

Os loás do ar, os espíritos da água,
os do fogo e da terra.
Os porta-bandeiras e as mambos.

Segundo as crenças vodu o homem, ao abandonar a Terra, vai para uma região povoada de loas ou loás. E podemos classificar os loas de diversas formas: pelo nome dos espíritos, pelo elemento da natureza que lhes serve de domínio, pelo culto que lhes é dedicado, por sua origem africana ou haitiana.

Segundo seus domínios há loas do ar, da água, do fogo e da terra. Os da terra estão ligados à morte. Os do ar e água são mais benéficos e os do fogo, da bruxaria.

Quanto aos cultos, há três cultos principais; rada, congo e petro. Em busca de um adepto do culto petro, o mais fechado, parti para a casa de um bruxo Zu, e lá ouvi coisas incríveis.

A casa é simples, sem grande aparato. Ela fica perto do rio Mississipi, o antigo grande lamaçal. Subir este rio a passeio é lindo. A viagem pode ser feita de bonde, pela margem, numa rápida excursão, ou de navio para apreciar as belas mansões dos ricos senhores das *plantations*. A casa de Zu é simples como falei e ele além de mago é professor. Ele me recebe bem e começa a falar sobre os mitos e lendas da seita.

"Eliminemos o tabu e vejamos o vodu como uma

religião, rica em símbolos, regida por um deus que olha o mundo com indiferença."

"No culto vodu a pessoa pode ser transformada numa planta ou animal. As pessoas devem ser desprendidas dos bens materiais. Estes são dois mandamentos do credo voduno. O vodu é uma religião existencial completa, segundo os etnólogos. Já é tempo de caírem os tabus e superstições em torno deste culto, e você pode ajudar já que vai se iniciar. O vodu é constituído de heranças africanas (Daomé, hoje Benin), misturadas a influências católicas, tendo sofrido transformações em contato com os nativos do Haiti. No vodu, o deus se encontra no sétimo céu. Olha de lá a sua criação, que é o nosso mundo, com certa indiferença. E os loas é que dão assistência aos humanos mediante trocas e oferendas. Fala o professor Renand, que no culto é conhecido como bruxo Zu.

"Deus é chamado Papá ou Grande Mestre."

"O centro do mundo é na Guiné, África, onde surgiram os primeiros homens."

"Para cultuar os loas há um clero que compreende os porta-bandeiras, os Laplace, os Hougan, e as mambos, as *hounsi* e as porta-bandeiras."

"Para cumprir as obrigações com os loas há um colégio sagrado que serve aos deuses. E assim como há o colégio há obrigações a serem cumpridas pelos membros deste colégio. Você quer assistir a estes rituais?"

Aceito com prazer e marcamos para o outro dia. Estou cansada e muito excitada em entrar no universo dos deuses do Daomé. Nunca senti tal emoção.

Na manhã seguinte fomos ao colégio sagrado. E a iniciação estava começando. Os atabaques tocavam

um som tipo "jambalaia" e os tambores levam nossa mente para este mundo de pesadelo nas terras do Daomé, no templo dos reis de ouro, cobertos de peles de leopardo e jóias artísticas de Benin.

O ritual começa. A primeira parte é lavar a cabeça. Minha cabeça foi lavada com água-benta para que a possessão pelo loa me seja suave. Depois passo pela prova do fogo. Os tambores soam alto. E a rainha do rito segura com as mãos objetos incandescentes. E manda que eu me concentre. Sinto a presença do loa, e ele me penetra suavemente, numa incorporação que me faz sentir bem diferente. E danço ao som de jambalaia. Vejo Dã roçando-se ao meu lado. E sem medo pego um pedaço de ferro incandescente. Não sinto dor alguma. Fui aprovada no rito petro, o mais fechado.

Muitos brancos dançam ao meu lado mas os tocadores e os porta-bandeiras são todos negros. A rainha brilha em sua negritude. O *kanso*, a prova do fogo, é um rito belíssimo e próprio do vodu.

Um vaso cheio de cobras vivas passa de mão em mão

Esta cerimônia chama-se L'Asson e consiste em receber da rainha um vaso cheio de vértebras de serpentes, que são um símbolo de poder. Tal ritual remonta aos antigos cultos da África onde a cobra é o primeiro ancestral. Recebo o vaso e me repugna um pouco olhar para ele, mas em magia muitas vezes temos que ser fortes para encarar o sobrenatural. Os

vodunos vão pegando seus vasos e dançam até cair em exaustão. Bebo *tafiá* (aguardente) e danço também até o cair da noite. A seguir como comida *cajun*, e alguns pratos da comida creoula: arroz, feijão apimentado, azeitonas e verduras. Não há outra cidade na América como esta, em se tratando de magia... Penso e me lembro que esta frase já foi dita por Louis, um vampiro, no livro de Anne Rice, "Entrevista com o Vampiro", passado aqui em Nova Orleans.

O som se agita, chega ao clímax, e lá fora o som é de *jazz*... Somente aqui poderia ter nascido o *jazz* e ter reinado o vodu, com seus duendes negros e fantoches vivos...

Agora a serpente é solta no salão. Dança lascivamente. É a verdadeira rainha da festa, Dã sagrada, Dambalá eterna, mito tenaz da humanidade. Aqui nos Estados Unidos outros cultos têm a serpente como animal de poder, mas não ligado ao *bem* e sim ao *mal*. No Tennessee, no Grasshopper Valley, homens se dedicam a dominar a serpente após rezarem com a Bíblia nas mãos. Se baseiam no versículo "Pegarão em serpentes e se beberam alguma coisa mortífera, não lhes fará mal". Meditando sobre isto eles fazem o culto de dominar a serpente. O iniciador desta prática foi Hensley, que muitas vezes foi mordido por cobras sem morrer. No Marrocos há tribos que se dedicam a pegar serpentes mortíferas sem que elas mordam. São encantadores de cobras como os famosos faquires hindus... Assim Dambalá aparece em muitos cultos através dos tempos, ora como a serpente do Éden, ora como o Dragão. Símbolo da queda primordial no Ocidente, a cobra é símbolo de vitória e vida na África Negra. Aqui, no vodu, a serpente simboliza o poder.

Agora sou presenteada com o *pó da sedução*. Me despeço e volto ao hotel. Em meus sonhos surgem cobras coloridas e dragões verdes... meu inconsciente busca respostas... conseguirá encontrar?

Acordo durante a noite e me lembro dos gritos dados pelo homem possuído por "Legbá do Caminho da Grande Árvore". Esta árvore de Legbá é também uma alusão à coluna vertebral. Mas, para que o loa desça pela árvore é preciso que o anjo guardião da coluna seja removido da passagem.

Aprendi que este anjo ocupa a nuca e é fisiologicamente representado por grande número de reflexos posturais que afetam os olhos, o pescoço, a coluna e os batimentos cardíacos.

Ao serem subvertidos esses reflexos – o que se obtém por sugestão, teatralidade, ritmo, dança e fortes emoções –, a dissociação leva o corpo a tombar como uma árvore.

Mas após um treino, as energias latentes que são os loas podem assumir o lugar deixado vago pelos anjinhos e o corpo é mantido ereto junto ao pilar central consagrado ao Legbá. Isto é uma possessão por parte dos loas que, mesmo vivendo nas águas, são ferozes, muito ferozes por natureza. Foi para controlar esse influxo de energia que peguei em pedaços de ferro quente e fiz outras magias como vimos.

De repente, enquanto pensava isto, uma luz intensa se fez em meu quarto. O loa apareceu. Havia lido que a sexualidade dos loas produz um tipo especial de possessão. E que ele visita os quartos das noviças. Por isso as iniciadas reservam uma ou duas noites por semana, para a visita dos loas. Pensei que esta história fosse apenas uma lenda, mas agora que o via

claramente no quarto, tinha a certeza de que era real. Li que o marido ou a esposa em geral não protestam com estas visitas noturnas, pois os resultados seriam desastrosos. Mentalizo que ele vá embora e sinto que o loa vai saindo do quarto. Os vodunos dizem que os loas acabam se casando com suas iniciadas e isto me lembra a teoria dos íncubos e súcubos, que durante a *Idade Média* eram acusados de visitar as pessoas à noite para fazer amor com elas. Muita gente foi parar na fogueira por isto. Aqui, no culto vodu, até casamentos entre pessoas e loas eles dizem que fazem... mesmo que a pessoa seja casada e fique morando também com seu cônjuge da matéria... Aprendi com os vodunos que o loa Erzulie é o mais dado a casamentos com suas iniciadas... Imaginação? Lenda? Mais um dos aspectos da magia vodu!

A ansiedade dos membros da seita

Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi a ansiedade dos membros da seita. Eles têm medo de quase tudo, principalmente de feitiços. Ao meio-dia todos seguram amuletos, fazem rezas e invocações, pois é a grande hora mágica. Usam pós de ossos humanos, pós de plantas, terra de cemitério, e as famosas bolas pretas que fazem rolar na entrada das casas das pessoas que querem enfeitiçar...

Esta ansiedade é a grande chave que abre o caminho dos sacerdotes vodu. Todos os temem. São verdadeiros reis da comunidade. Um dos mais famosos é Lizu. Vou procurá-lo com seus gatos empalhados

e suas bolas pretas, amanhã de manhã, penso... e volto a dormir tranqüilamente, sem ansiedade, para que consiga aprender tudo sobre esta seita que não há no Brasil...

Os membros da seita dizem que há pessoas que têm o mau sangue. Este mau sangue parece-me paranóia, pois os portadores de mau sangue têm ilusão de grandeza, orgulho e perseguição. E para curar o mau sangue os feiticeiros lavam a cabeça com água, na qual há 21 folhas de plantas diferentes, bem picadas. Se não der certo o paciente pode ter visões e aí seu caminho é o de se iniciar no vodu, pois foi escolhido pelos espíritos, eles afirmam...

Um dos trabalhos que o iniciado vodu tem que fazer é tirar as almas da água da penitência e levá-las para o altar da família. Freud notou semelhança entre este rito e os pactos com o Diabo usados na Europa. Sim, há muito de pacto, pois a pessoa tem que servir ao loa, tem que obedecer ao loa, e ele ensina a preparar filtros e poções poderosas, nós atados, pedras de sorte, bonecos e a atrair almas penadas.

5º

capítulo

OS GATOS FEITICEIROS

Devido à magia de seus olhos
estranhos,
eles já foram deuses
ou manifestações do Demônio.
No vodu eles são empalhados.

*

Uma porta foi aberta a mando da sacerdotisa Jambalaia. Presenciei uma cena que nunca vou esquecer. Os homens e mulheres estavam com lenços brancos amarrados na testa, se bem que as mulheres usassem também o lenço tradicional das Antilhas, de cores fortes e com suas sete pontas voltadas para cima. Havia moças belas, rapazes com seus cabelos de trancinhas, velhos com toucas de mil cores e mulheres gordas de túnicas africanas.

Vi também dezenas de pessoas brancas participando do espetáculo.

Perto de onde estava havia uma mesa retangular de uns 3 metros de comprimento por 1 de largura. Na ponta direita havia um gato preto e na outra um gato branco. Pareciam vivos; chegando mais perto pude ver que estavam empalhados. Mas eram tão vivos que enganariam qualquer um e tinham uma vivacidade no pêlo e no olhar que era quase maligna.

Por que os gatos? Sei que devido à magia de seus olhos estranhos eles já foram chamados de *encarnações de deuses* e do próprio demônio. Muitas bruxas foram acusadas de os terem como animal de estimação e de trabalhos mágicos, um gato preto. Sei que já foram sacrificados aos espíritos do mal e até benquistos por seus

poderes de cura através dos tempos... no antigo Egito, matar um gato era considerado crime. A punição era a morte. E se um gato morria, seu dono guardava luto e iniciava um ritual muito estranho. Nele estava incluída a raspagem das próprias sobrancelhas...

Às margens do Nilo havia cemitérios de gatos onde os animais mortos eram mumificados. Havia nestes locais gatos de bronze ou de outro metal. Assim, sei que o gato era investido de crenças em todo o mundo antigo. A carruagem da deusa escandinava Freyia era puxada por gatos enormes. Toda a reverência prestada ao gato está relacionada com o culto da Lua. A cara do gato, redonda, com olhos brilhantes, foi associada à deusa Lua e por isto ele foi adorado ou atacado. Patrícia Dele-Green em seu livro "O culto do gato", diz que, como a Lua, o gato surge para a vida à noite. Ele escapa de seu dono e vai perambular pelos telhados. E seus olhos brilham na escuridão como brilha a Lua. E as pupilas do gato se tornam luminosas à noite e de dia elas parecem riscos negros, estão apagadas. Da magia de seus olhos é que surgiram as crenças nos poderes sobrenaturais do gato.

Em todo o Oriente acreditava-se que os gatos transportam as almas dos mortos durante um certo tempo. Assim indago à sacerdotisa o porquê dos gatos empalhados.

"Os negros do Daomé mantêm a crença de que ao morrer um ser humano, ele encarna-se no corpo de um gato."

"E isto foi provado. Um certo dia algumas pessoas incrédulas feriram a pauladas um gato preto que miava à noite. No outro dia ouviram-se miados no cemitério da cidade enquanto o gato não sarou. Quando o gato sarou, as vozes no cemitério pararam."

Conta também que:

"Os sacerdotes do vodu podem virar gatos por um certo tempo."

"Assim eles andam pelos telhados em noite de lua cheia e espionam as casas dos seus inimigos", fala Jambalaia.

"Podemos provar também, pois certas pessoas infiéis amarraram um gato preto que remexia em sua casa. No outro dia ele havia se soltado e por onde ele teria passado havia marcas de pés humanos. E os cadeados foram abertos por dentro, onde só estava o gato..."

Lembro das maldades que foram feitas às bruxas na Escócia, dentre elas Isabel Grierson, que foi queimada viva, acusada de ter penetrado na casa de Adam Clark sob a forma de gato. Ainda em 1708, no fim da era da bruxaria que assolou a Europa nos séculos precedentes, um certo Montgomery, de Caithness, afirmou que ouviu conversa humana na sua porta e que quem falava eram gatos... atacou e feriu os animais e duas mulheres foram encontradas mortas no leito... E a última pessoa que foi processada por bruxaria na Inglaterra, Jane Wenham, também foi morta por acusação de virar gato e assustar suas vítimas...

"Os gatos servem para vários rituais de feitiçaria vodu. O demo vira gato branco", conta Jambalaia.

"Estes gatos empalhados trabalham em nossos ritos:

"Toque-os." Seguindo sua orientação toquei nos gatos. Primeiramente senti um arrepio e depois uma leve tontura. De repente senti falta de ar e via os olhos do gato empalhado se mexerem. Parece que a música no ambiente cresceu. Tive uma visão fantástica. Me vi sentada numa espécie de tribunal e via um grande e branco gato preso no centro da mesa. À sua volta padres com grandes chapéus e enormes cruzes pen-

duradas no peito, juízes e curiosos por todos os lados. Ouvi quando acusavam o gato de ser o próprio Satã e que havia sugado todo o sangue de sua dona. Por isso iria ser queimado vivo... De repente voltei à sala do vodu e as sensações estranhas foram passando... fiz uma espécie de viagem astral e fui à Inglaterra numa época dos puritanos e da Inquisição. Acho que pelas roupas dos que estavam no tal julgamento devia ser por volta do ano 1570. Efetivamente este gato estava preparado...

A boneca preta vestida
com sinais cabalísticos.
O colar de vértebras de cobra.
Os ossos de perna de peru.

No centro da mesa havia uma pequena árvore plantada num barril. Pendurada nesta árvore, como um enforcado, estava uma boneca preta vestida com roupas cheias de sinais cabalísticos. Tinha também emblemas. E um colar feito de vértebras de serpente. Havia, também, pendurados nela, dentes de crocodilo, com encaixe de ouro.

Esta boneca seria usada no envultamento. A sacerdotisa senta-se em uma pele de carneiro e começa a espetar a boneca fazendo uma reza mágica. Bate nela com ossos de carneiro. Finge que geme. Chama por loas da morte, da vingança e do mal. Uma batucada monótona enche o ambiente. Aí chegou uma negra com um osso de perna de peru e começou a espetar a boneca e a gritar alucinada. Era uma algazarra demoníaca. Todos pareciam ter entrado em transe. Perto dos

músicos um moço girava vagarosamente uma cabaça cheia de pedras.

Agora Jambalaia faz sinais cabalísticos no chão. São os *vêvês*, semelhantes aos pontos-riscados da Umbanda e do Candomblé. Os iniciados são chamados. Vou junto com eles e sou borrifada com uma água com ervas. Esta água estava em uma cabaça. Jambalaia pega uma cobra e dança com ela a nossa volta. Fala com a cobra na sua língua africana, fon, sem dúvida. A cada palavra que ela fala, a cobra parece que sente-se dominada pela mulher. Nós, os que se iniciam, fizemos um círculo em volta de Jambalaia enquanto ela dança com a cobra. Olhávamos para a chefe com respeito. Isto porque ela manobra a cobra, tem este poder. Que estranho fascínio exerce sobre nós a figura mítica e arrastante da serpente?

Nas ruínas de templos antigos, cheios de estatuetas de ouro e pedras, a silhueta esguia e erótica da cobra é uma constante. E em todas as lendas de divindades da Idade Antiga, a serpente sonolenta e sutil aparece como pai ou mãe dos homens-deuses, ou como o próprio deus da terra e dos homens.

No Egito, onde o mistério escorreu como um óleo perfumado pelo rio Nilo, a víbora era um deus de grande poder. Seu desenho gravado para sempre nos túmulos dos faraós e dos escribas. Na cabeça dos faraós, o escaravelho e a cobra representavam o poder.

A serpente egípcia era um gênio, uma partícula menor da divindade, e em Tebas os sacerdotes de Amon adoravam a manhosa víbora dourada e seguiam-lhe a falsidade. No túmulo de Tutankamon foi encontrada uma cobra de ouro entre as deusas e deuses da câmara mortuária desse faraó-menino, mas em todos os túmulos nas areias do deserto estão as descrições

e desenhos da serpente.

Em Creta, a principal divindade, a deusa das serpentes, dominava esse animal e na mitologia grega ela foi Pitão, inimiga de Apolo. Na Índia Vishnu domina a serpente Ananda. Na Gênesis ela tenta Eva junto à árvore da vida, entre os maias ela foi Kukulklan e na Europa medieval foi Melusina que voava à noite nos céus e tentava entrar nos castelos. Na África Negra ela é Dã e tem a capacidade de fertilizar tudo que toca. Dã é a força vital, a eternidade da vida, e assim ao ver a sacerdotisa dominando a cobra ficamos todos assombrados. Agora ela passa a cobra de mão em mão entre os iniciados... e chega a minha vez. Um frio corre pela espinha, mas o vodu "me encosta" e pego também na cobra sem medo, e sinto um êxtase total. Dã macho e fêmea rebola em minha mão e o vodu me domina. Eu a coloco num pote com chifres. E a sacerdotisa leva-a para o *Dã-Aidô* (árvore da cobra). Todos agora gritam com toda a força: *vodu magniam*. E o culto termina, voltando todos ao seu estado natural. O mundo real está novamente presente.

6º

capítulo

AS BRUXAS E SEUS DEMÔNIOS

O universo familiar
da sacerdotisa vodu.
A iniciação de jovens bruxas
em Nova Orleans.

*

Amanhece em Nova Orleans. Peço um bom almoço de pão francês com recheio de azeitonas e verduras e bebo suco de frutas. Esta cidade ocupa um espaço privilegiado na imensa colcha de retalhos americana, em que cada cidade tem suas próprias características. Acho que Nova Orleans parece um gueto de diversão sem limites. A cidade é linda. Para os nativos ela é *N'Awlins* e foi fundada em 1718 pelos franceses. Aqui milhares de escravos vindos das Antilhas trabalharam na colheita de algodão. Saio pelas ruas. O lugar é realmente encantador. A Grande Nova Orleans tem cerca de 1,2 milhões de habitantes. A parte que mais me atrai é o bairro francês, um aglomerado de casas velhas construídas na época em que a cidade ainda pertencia à França. Aqui, uma tradição fortíssima é o vodu, onde reinou Marie Laveau, respeitadíssima entre todos. Ela muito divulgou a moral vodu e esta moral tende a preservar o indivíduo, assim como o grupo familiar, unidos junto a seus bens materiais e espirituais. É proibido atentar contra a vida alheia (no rito rada), tomar algumas bebidas, como café, por exemplo, sem ser previamente derramado um pouco no chão, em nome dos mortos (norma comum a todos os ritos). É proibido servir aos deuses com a mão

esquerda, ou com as duas mãos ao mesmo tempo; é proibido cobrar demais pelos trabalhos espirituais, só cobrando o que é devido; é proibido desobedecer aos sacerdotes e chefes.

Marie amava o culto, e era uma grande bruxa. E quem pensar que era uma bruxa feia e estranha está enganado. Era bela, de uma beleza negra incrível. Se a palavra bruxa faz pensar numa velha com uma verruga no nariz, montada numa vassoura, é preciso saber que essa imagem representa um conceito arbitrário, talvez de valor folclórico, mas sem qualquer correspondência com a realidade. A feitiçaria é coisa que vem da mais remota antiguidade, como vimos, até nossos dias. As bruxas de hoje, espalhadas não apenas por esta cidade, mas no Brasil, por exemplo, na Argentina, enfim, por toda parte do mundo, são pessoas normais, donas-de-casa ou dinâmicos homens de negócios. Eu mesma além de maga sou bruxa, e acredito em Deus, como todo brasileiro. Aprendi bruxaria e vodu por necessidade de entender cada vez mais a magia e de ajudar ao meu próximo.

Os loas que atendem aos bruxos vodunos são do mundo das águas, que é um conjunto de populações que se estende até o horizonte e que apresenta o reflexo inverso das populações terrestres. Seus habitantes exercem as mesmas atividades que os homens exercem sobre a Terra. Reina ali uma disciplina estrita. E grande respeito pela hierarquia. O etnólogo haitiano Jean Baptiste Romain demonstrou a estrutura do vodu no Congresso de Bruxaria de Bogotá, onde estive presente também. A outra grande divisão dos espíritos loas é a Ville ou Campo, uma população mítica que mora no alto da montanha. E a terceira são os espíritos da

Guiné, símbolos da África verdadeira, pois para os vodunos a Guiné se localiza no centro do eixo que liga o céu ao mundo subterrâneo.

As bruxas vodu acreditam que o homem é composto de um corpo material e dois espíritos. E que os mortos podem ser trazidos à vida como Zumbis...

Em todos os ritos – petro, rada e congo – há um altar pessoal, um altar familiar e um altar coletivo. No rito congo há a presença de espíritos sedentos de sangue. No petro, faz-se magia negra; no rada há a prática do bem e a ausência de violência. Os três são interligados. E a bruxa vodu geralmente se inicia em todos eles. O universo mítico de cada um tem que ser estudado a fundo para que a sacerdotisa seja aceita como vodu.

A semelhança entre os cultos vodu e a bruxaria européia é grande. Os feiticeiros na Europa costumam até hoje encontrar-se aos sábados, pois esta é a noite do chamado *Esbath* mensal. *Esbath* significa, mais ou menos, "dia regular de encontros". Já o *Sabá* é o grande dia de festa. Estas festas da Velha Região (ou bruxaria) se assemelham às festas vodu, geralmente nos sábados em honra do Barão Sábado. Toda cerimônia de bruxaria começa com os "Abençoado seja", que são ditos entre os membros da seita e nesta hora se dão um beijo. Não é um beijo sensual, é um beijo no rosto. O beijo e esta frase constituem o cumprimento da feitiçaria. Logo a seguir os bruxos riscam o círculo mágico para manter dentro de seus limites as forças de poder ali mesmo levantadas. Normalmente este círculo mede 2,70m de diâmetro. Como este círculo são os *vêvês* (riscos mágicos do Haiti), que atraem as forças da natureza e os ancestrais. Outra semelhança

entre os cultos negros e a velha bruxaria da Europa são os objetos usados em ambos os cultos perigosos. Na Europa usa-se dois castiçais de bronze em forma de serpente (outra vez a serpente), cujo culto deriva como vimos dos mistérios egípcios. A vara (semelhante ao bastão usado pelo sacerdote vodu), objeto de muita significação dentro da feitiçaria e que no Tarô é simbolizado pelo naipe de paus, uma espada (o punhal vodu), um prato cheio de sal, um cálice de prata cheio de água, cartas do Tarô, açoites, e a faca de cabo negro (*athame*) e um altar. As bruxas, na Europa, usam como suas vovós da Idade Média diademas de prata na cabeça e pulseiras de prata nos braços, pois a prata é o metal da Lua, a deusa da feitiçaria. A Lua era Diana, adorada como deusa-mãe em toda a criação. Os feiticeiros nunca usam jóias de ouro. Assim, a sacerdotisa vodu também se enfeita de objetos de prata. Nunca de ouro. E risca círculos mágicos, usa o sal e o bastão de comando. E a deusa-mãe, representando a força da fertilidade e da criação, e seu companheiro, o deus de chifres, presente em todos os cultos de feitiçaria, são no vodu Dã (a deusa) e Legbá (o chifrudo). Há três graus na carreira de um feiticeiro, e há três ritos no vodu, rada, petro e congo. A grande-mãe Dã é semelhante à Afrodite, Dana, Arianrid, Astarte, Diana, Artemis, Ísis, e é a Rainha das Feiticeiras. Foi a Igreja Católica que transformou o culto da deusa e do deus com chifres no culto do diabo. A antiga feitiçaria tinha apenas uma divindade, a Deusa-Mãe. Ela nunca teve forma de demônio, e sim representava a fertilidade. O cristianismo, baseado nas concepções judaicas que adoravam a Deus, fizeram da deusa um demônio. Assim, para os leigos Dambalá é uma espécie de demo

vodu, cruel e não o princípio da fertilidade. O *sabá*, no século 16, por exemplo, reunia os camponeses e dançavam em volta das foguciras. Música de flauta alegrava o espetáculo. A idéia era chocante para os senhores feudais nesta época em que a dança era pecado, a alegria era pecado. Os camponeses após a dança comiam bolos e bebiam vinhos... isto para os sacerdotes católicos era prática diabólica, e por isto muitos foram queimados vivos. Pessoas solitárias vivendo em companhia de seus gatos ou cães foram acusados de feitiçaria. E mortos. A invocação à Deusa-Mãe era coisa demoníaca, também... Assim pensavam os padres e bispos de então...

Papa Nebo e Baron Samedi, os donos da feitiçaria do Haiti

No Haiti, no culto vodu praticava-se um rito chamado Papa Nebo, que é também ligado ao Baron Samedi, que é o guardião do cemitério. Eles são figuras poderosas e temidas. A melhor maneira de produzir um "contra-feitiço" para se proteger deles é roubar alguma coisa de seu domínio. Isso torna o ladrão igual a eles. Assim, os praticantes do vodu costumam roubar ossos do cemitério, pedaços de lápides, que são transformados em amuletos em sua iniciação. Outro aspecto que se assemelha à feitiçaria praticada já no fim da Idade Média na Europa.



*

7º

capítulo

OS TRÊS PRINCIPAIS SIMBOLISMOS DO VODU

A coluna mitan.
Os vêvê. *Os números no vodu.*
Receitas com bonecos de barro
e de pano.

*

*

Não foi difícil descobrir por que o vodu ficou sempre sendo uma religião fechada. É que ela se apóia em simbolismos secretos, só conhecidos pelos iniciados.

Aqui no Brasil não há culto vodu, por isso tive que viajar para buscar a verdade deste mistério. E tanto na África, em Benin, como em Nova Orleans, como no Haiti aprendi que três são os símbolos do vodu e que com eles você pode fazer bruxedos incríveis.

Músicos de rua animam o bairro francês. Eles atacam um *jazz* maravilhoso. A música por estas ruelas flui naturalmente. Não se precisa explicar esta música. Assim também as músicas dos tambores rada se mistura ao nosso sangue e o faz pulsar mais forte.

Chego à casa de Mama Niam, uma famosa cartomante de Nova Orleans. Ela me explica algumas coisinhas desta prática:

"A *coluna mitan*, os *diagramas vêvê* e alguns números sagrados são os três principais simbolismos do vodu", fala a bruxa.

A *coluna mitan* é um poste de madeira ou de concreto, que constitui o pilar central de sustentação da cabana dentro da qual são realizados os rituais. O iniciado deve pensar, imaginar esta coluna quando

for fazer um feitiço longe do seu templo. Deve-se pensar que há um eixo ligando nossa Terra com o céu dos loas.

"O *mitan* é o símbolo do eixo do mundo", conta a sacerdotisa.

"Os vêvê são diagramas mais ou menos geométricos desenhados no chão. São ditados pelos espíritos. Os loas só possuem o médium depois de riscar seu diagrama. Os vêvê são originários da África."

"O terceiro simbolismo são os números. O número três é muito importante. Pois se você quer fazer um despacho deve usar sempre (ou no mínimo) três elementos."

"A iniciação completa requer três fases. Uma estada sob as águas, a possessão por um número determinado de espíritos, e o recebimento de um nome esotérico secreto", conta a feiticeira.

E eu, realmente, ao me iniciar fui possuída por três loas, e tive minhas costas apertadas à coluna do templo, além de ter riscado os vêvês de meus loas de proteção, ambos ligados à Legbá e Dambalá. Senti uma vida nova ao riscar meu diagrama mágico. Cantei e dancei até a madrugada ao ser possuída pelos espíritos do Daomé... ganhei muito axé...

Um dos trabalhos mais comuns usados pelos médiuns deste rito é fazer a imagem da pessoa que se deseja atrair (usando um retrato para fazer o rosto) e colocando-a dentro de nosso travesseiro. Com o tempo a pessoa vai ficando atraída e amorosa conosco. Outro feitiço que aprendi, e serve para matar um homem (assim eles o crêem), é o seguinte:

"Faz-se a imagem de quem se deseja atingir em massa de barro com retrato, fios de cabelo e pedaços

de unha. Coloca-se sob uma cantoneira do telhado de nossa casa, durante tempo chuvoso. A água vai pingando e desmanchando o boneco. Pouco a pouco a pessoa vai sendo atacada pelo feitiço", contam os iniciados.

"Ou então faz-se a figura em tabatinga e se criva de alfinetes e joga-se na porta da casa da pessoa que está sendo enfeitiçada", falam os magos negros.

"O ódio concentrado na boneca de pano é que atinge a pessoa em questão", conta outro vodun.

"Se a pessoa não acredita no feitiço ele custa mais a pegar."

Sim, a mágica de imagens funciona se a pessoa acredita nos poderes do mago, pois a corrente vibratória está, no caso, direcionada e "atraída" pelo ser humano aí visado. Praga, maldição ou qualquer outra forma de hostilidade mágica podem ser prejudiciais e mesmo mortais quando dirigidas a uma vítima que acredita nelas.

O princípio da mímica é um dos princípios do pensamento mágico. O outro é a "lei de contato ou contágio", segundo a qual "coisas que uma vez tiveram contato entre si continuam a agir umas sobre as outras, à distância, mesmo depois de interrompido o contato físico". Para o escritor Frazer, autor da obra "The Golden Bough", freqüentemente os dois princípios se combinam e são chamados de Magia de Simpatia, esta baseada na crença de que "coisas agem umas sobre as outras, à distância, através de uma simpatia secreta". Assim, o vodu considera que o princípio da imitação é fundamental para a magia negra de bonecos e de espectros.

Em cerimônias mágicas, especialmente as popula-

res, parece haver uma tendência para produzir a mímica ou o símbolo com aquilo que está sendo imitado ou simbolizado. Assim o boneco "vira" a pessoa, e o que se fizer no boneco acontece na pessoa. Esta é a grande magia da simpatia dos vodunos.

Alguns sacerdotes vodu fazem trabalhos com máscaras africanas, bolas de cera com pedaços de espinheiro, velas pretas, retratos, botões da roupa do enfeitiçado, cabeças de macaco secas, pedras trazidas da beira dos rios e conchas.

O alto clero africano do Daomé fundou a Ville, no Haiti, onde os maiores trabalhos são feitos. Os crentes me disseram que ali é o local de reunião dos deuses africanos e nativos. Assim, parti para o Haiti para ver e aprender na *Ville* ou *Camp*, onde moram os reis do Daomé, com suas coroas de ouro, suas peles de leopardo, seus enfeites maravilhosos de marfim.

8º

capítulo

A SOCIEDADE SECRETA DOS HOMENS-LOBO

Feitiços dos adoradores dos loas.
Trabalho vodu para melhorar o seu dinheiro.
A possessão e suas conseqüências na mente dos iniciados.
As bruxas vodu e seus métodos de trabalho.
Como "carregar" uma peça (bola ou boneca) com força mágica.

*

Quando Deus criou o mundo (segundo os homens do Daomé) abandonou-o e foi morar no sétimo céu. Mas, para que a Terra ficasse com proteção espiritual ele deixou os loas para tomar conta de tudo. O "Grande Mestre" criou uma série de deuses imateriais aos quais delegou poderes. Usando os poderes destes loas os praticantes do vodu podem se comunicar com bichos e com plantas e podem também "virar" um bicho ou uma árvore. Esta transformação é momentânea e terrível. Um voduno pode virar um lobo por alguns segundos. Seu corpo se enche de pêlos e seus dentes ficam pontudos como os de um lobo. Esta metamorfose é incrível, dá medo, e só alguns vodunos velhos sabem fazê-la. É o chamado *Loup Garrou*, ou lobisomem do Haiti. Este homem-lobo é feio, magro, preto, tem dentes arreganhados: máscara estranha. Serve para trabalhos de magia negra. Dizem-me os membros da "Sociedade Secreta do Vodu". Esta sociedade engloba os ritos petro, rada e congo. É a mais fechada sociedade secreta do vodu e tem centenas de adeptos. São pessoas boas, espiritualistas, que encontraram no vodu um caminho de apoio para conseguir o que desejam na vida material, pois os trabalhos desta natureza são fortes e, em geral, resolvem.

A possessão e suas conseqüências

Todos os devotos aceitam a possessão pelos loas. Esta possessão segundo o dr. Prince-Mars é um estado místico caracterizado pelo delírio da possessão teomaníaca e pelo desdobramento da personalidade.

O etnólogo Louis Maximilien a considera um fenômeno nervoso de ordem sugestiva que se realiza de maneira extremamente fácil numa categoria de indivíduos previamente preparados, não apenas quanto aos elementos que constituem o conteúdo da crise, mas também quanto ao desencadeamento da crise em relação ao ambiente.

Neste grupo de adoradores dos loas aprendi um trabalho de magia amorosa que é assim:

Um boneco (vodu, fetiche)
Sete alfinetes grandes
Pó de sedução vodu
Fitas verdes

Para se fazer o trabalho pega-se o boneco, coloca-se o nome da pessoa que se quer amarrar e fura-se com agulhas, coloca-se pó e amarra-se com as fitas. Joga-se no telhado da casa onde a pessoa mora.

Trabalho vodu para melhorar o seu dinheiro

Outro trabalho, este para magia de dinheiro, é o seguinte: lavar a loja ou a casa que se quer aumentar o faturamento econômico com água, cânfora, pó de noz-moscada e anil.

As bruxas vodu e seus métodos

Dentre os membros desta sociedade as mulheres têm um dia que fazem uma espécie de reunião de bruxaria. Estas bruxas já foram muito caluniadas pela ignorância do povo, combatidas pelo extremismo da Igreja e atacadas pelas pessoas que não conhecem esta seita. Acredito que as bruxas sempre foram vítimas da má interpretação dos seus cultos e propósitos. A verdadeira história da bruxaria em geral (não apenas a do vodu) é outra, diferente do que se divulgou. A bruxaria é uma religião pagã, pré-histórica, cujo fim era a exaltação da fertilidade e a conexão humana com as forças do universo. Sua finalidade, portanto, era benéfica. Os verdadeiros bruxos jamais serviram ao demônio. Satanás não é e nunca foi o pai dos bruxos e bruxas, pois o satanismo é um culto recente, comparado com a bruxaria que vem do culto da deusa-mãe e de seu filho, o deus-com-chifres (espécie de fauno) e que é milenar. O satanismo nasceu das entranhas do próprio catolicismo. Os ritos da bruxaria são dedicados a deuses da Natureza, sempre a uma deusa-mãe (e no caso do vodu é Dã) e a um deus fálico (neste caso Legbá). Como digo, o satanismo comparado com a bruxaria é um culto recente. Nasceu dos mitos que envolveram o catolicismo na Idade Média, e é dedicado à celebração da personalidade maléfica como deus do mundo, e em oposição ao deus católico. O satanismo não pode existir sem o catolicismo. Todos os seus ritos são a missa ao contrário, a hóstia ao contrário, as rezas em louvor ao mal. Os ritos da bruxaria são, como disse, adoração dos deuses da Natureza. O animismo das sociedades primitivas atri-

buía todos os fenômenos a poderes sobrenaturais, a entidades que eram boas, os deuses, e más, os demônios. Deuses eram adorados como pertencentes a altas posições e demos eram adorados em camadas baixas do ar. Essa separação maniqueista entre o Bem e o Mal é a base das religiões primitivas e animistas e não a adoração só ao mal.

Os mitos pré-cristãos constituem o primeiro canal da personificação de Satã. O outro canal encontra-se no contexto da expansão do cristianismo nos domínios do Império Romano. No Império Romano muitos deuses eram acompanhados de bichos e isto foi a causa de serem analisados como demônios. Asmodeu, por exemplo, tem cara de homem, outra de carneiro e outra de boi.

Na mitologia grega, Prometeu soltava fogo, ele era um deus decaído e foi ele que deu a base da figura de Satã.

Os cornos do deus fálico, filho da deusa-mãe, foram o segundo atributo da figura de Satanás. E os cornos (de Legbá) dos deuses fálicos eram atributos da fertilidade, apenas. A Igreja teve a idéia de destruir os mitos antigos fazendo-os demônios. E até hoje pensamos em bruxaria com medo e assombro...

E o *sabá* era a reunião dos feiticeiros (adoradores das forças da Natureza) assim como esta sociedade secreta vive reunida em dias certos para adorar ao deus chifrudo, Legbá.

Como "carregar" uma peça (bola ou boneca) com força mágica

Os ritos de "carregar" uma bola ou boneca vodu são meios de concentrar a fúria do mágico, mas, mesmo assim, a imagem passa a contar com uma vitalidade

própria. Neste grupo de adoradores de Legbá aprendi a "carregar" a boneca de vitalidade. Ela fica imantada de fluidos para o mal ou para o bem, como quisermos.

Uma boneca pode ser "imantada" de vários modos. Um deles é com a reza invertida (uma reza bem forte) falada de trás para a frente. Outra maneira é "carregar" após deixá-la no sereno (retirar antes do sol nascer). A maneira mais usada de "carregar" o fetiche vodu é sacrificar animais. Fetiche significa "feito com a mão". Assim a boneca é um fetiche. Ela é feita pelas mãos do mago. Faço bonecas de pano, de massa, de cera, de pedaços de pedra, de madeira, recheadas de ervas secas propícias.

A boneca preparada é entregue à força de Legbá, e é maravilhosa para ritos de amor ou qualquer feitiçaria.

Outra maneira de "carregar" a boneca é levá-la a uma igreja. Outro é levá-la na casa da pessoa que se quer magiar. Ela fica impregnada da força vital que há na casa desta pessoa. Pois tudo que usamos diariamente fica cheio de nossas vibrações pessoais. Nossa cama é sempre impregnada de nós mesmos. Nossos livros, roupas e pertences podem ser usados para bruxaria, pois estão sempre cheios de nossa vibração.

Os nomes também ficam impregnados de nossa vibração. Muitos ocultistas, por isso, usam nomes falsos, pseudônimos, para evitar serem "magiados".

Os adoradores de Legbá fazem ainda bonecos de pele de porco e trapos, numa mistura fantástica que chega a dar medo. O boneco é tão estranho, feioso e arrogante, que transmite uma certa agonia.

Legbá, deus com chifres e mensageiro dos vodunos, é, sem dúvida, um mito forte e temido no Haiti, em Nova Orleans, no antigo Daomé (Benin) e, aqui no Brasil, na Casa das Minas do Maranhão.

9º

capítulo

A MAGIA NEGRA DO HAITI

Os zumbis e os mortos-vivos.
Os espectros da velha igreja dos vodunos.
Os cantos e danças da cobra sagrada.

*

"Quero aprender vodu", disse eu ao mago mais famoso do Haiti. O mago olhou para mim de alto a baixo e perguntou-me:

"Para que você quer aprender vodu?"

"Para poder trabalhar neste culto que é considerado um dos mais fortes do mundo."

Não era a primeira vez que alguém vinha de longe para pedir isto ao sábio voduno. Ele era orgulhoso, roupas coloridas, óculos escuros, sapatos também coloridos e uma cabeleira de trancinhas destas que os jovens usam para mostrar que são rebeldes.

O mago fez um sinal para que eu o acompanhasse. Entrei numa sala onde havia couro de bichos nas paredes, facas, lanças, bonecas e fetiches africanos. Não senti medo algum, só curiosidade e alegria em sua casa meio macabra...

"Desde que cheguei ao Haiti vi que tudo aqui é cheio de cor, as paredes das casas têm pinturas, há muitos pintores vendendo suas obras pelas calçadas, as pessoas usam as vestes mais cheias de cores que já vi em minha vida", disse.

"O Haiti é cor. Sabemos que a cor é mágica, dá força e capacidade para a luta da vida."

"Sem cor não há boa vibração..."

Ele é um homem interessante, pensei. E será um bom mestre de magia. Mas será que devo confiar nele?

Tinha ouvido falar coisas terríveis sobre os haitianos e sua magia, e a mais terrível era a zombização, ou seja, a capacidade de transformar um morto em um vivo, mandado pelo mago, um zumbi...

Haverá isto? Ou tudo não passa de lenda, matutei...

Os zumbis e os mortos-vivos

As histórias sobre os *zumbis* são comuns no Haiti. Cada pessoa tem uma diferente para contar. Uns dizem que viram, outros que tiveram experiências pessoais com os famosos zumbis. Outros, que evitam contar histórias, dizem apenas que zumbi existe, mas que só os grandes pais-de-santo do vodu sabem fazê-los. Assim, ataco o mago com as perguntas de uma maga que nunca viu um zumbi.

"Como são os zumbis? O senhor sabe preparar um?"

"Desenterra-se um cadáver e transforma-se o espírito que ali está num zumbi, e ele trabalha para nós", afirmou.

"Para tirar uma pessoa de um estado de zumbi tem que dar água com sal para ela beber. Então, ela volta ao estado de cadáver de novo", fala o pai-de-santo...

"Você já fez um zumbi", pergunto.

"Nunca. Mas sei que existe", comenta.

Estas histórias macabras sobre os zumbis são a causa do grande medo que este culto tem transmitido através dos tempos. Zumbis são mortos-vivos, mas acredito que isto tudo seja lenda. Não há em magia nada que prove que eles existam, mas no Haiti eles

são temidos e a maioria acredita que eles sejam comuns, escravos do pai-de-santo vodu, sob efeito de grande bruxedo. Mortos-vivos, lobisomens, feitiço que mata gente, tudo isto é o vodu, a grande magia negra do Haiti e das Antilhas. A magia mais terrível das praticadas hoje em dia... ou o culto mais cercado de lendas e fantasmagorias.

Saímos, eu e o voduno, e fomos até as ruínas de uma velha igreja. O voduno sentou-se num dos bancos carcomidos e disse-me:

"Estas velhas igrejas são locais onde passeiam zumbis, vamos esperá-los."

Um ar gelado me arrepia. Sinto que a coisa aqui vai ficar preta, e que tenho que usar todos os meus poderes para sair bem dessa empreitada.

"A igreja está deserta. Zumbem almas penadas aqui", fala o voduno. E começa a falar em um dialeto africano.

Vejo umas formas brancas girando no ar. Saem das sombras desta igreja espectral... mas zumbis não vi. A voz do praticante do vodu é grave, e agora, com estas rezas que ele faz, está cavernosa, faz medo, cria susto...

Não vi os zumbis, mas aprendi que com água e sal afastamos estes seres... Não vi os mortos-vivos, mas aprendi que com uma cruz feita de sete ramos os desencantamos. Não vi os redivivos, mas gostei de mais esta lenda dos praticantes da adoração aos loas.

Saímos da velha igreja. Ela me faz pensar em tesouros enterrados, almas de frades que liam grandes livros de alquimia, pecadores em procissão fantástica. O Haiti ama estas lendas, estes sete encapuçados, estes magos negros, que fazem o pó da sedução e a água de atrair amantes.

Lendas do Haiti, de bruxas que costuram sapos, de feiticeiros fazendo bonecos de argila com vidas ocultas nas suas perninhas e bracinhos, lendas do Haiti, de incrível beleza mística.

Estas lendas africanas se espalharam pelo Haiti desde 1502, quando foram introduzidos negros escravos na antiga ilha de São Domingos. A história da escravidão na ilha é uma longa série de lutas intestinas, de opressão e de martírio. E tempos depois, grandes líderes negros lutaram pela independência do Haiti. Dentre eles Toussaint l'Ouverturs, Dessalines, Henri Christophe e outros... A ilha declarou-se independente em 1804, e hoje é um país bem negro, na alma e na magia. Assim, os negros haitianos do Daomé, além de gente de Angola, da Costa do Ouro, Costa do Marfim, Costa dos Grãos, Costa dos Escravos, criaram um tipo de etnia forte e crédula, animista, que dá opção para que se acreditem em zumbis, mortos que andam, sobrevivências da cultura vodu dos confins da África. Todo o povo daqui tem forte ligação com os antigos deuses e ancestrais do Daomé. Para o Dr. Dorsainvil, o vodu é uma psiconeurose religiosa, racial, hereditária, caracterizada por um desdobramento da personalidade com alterações funcionais da sensibilidade, da motilidade e predominância dos sintomas pitiáticos. Evidentemente o Dr. Dorsainvil confundiu a religião com o fenômeno da possessão. Pois o vodu é uma religião, sim, com panteão de deuses, dogmas e tabus, como o candomblé que se pratica no Brasil, mas, mais profundo e secreto. Sendo assim, não devemos julgar a religião por estes fenômenos assustadores que à primeira vista nos fazem pensar em coisas sinistras e em ignorância dos que as praticam.

Sim, pois os mistérios sempre rodearam as cerimônias do Haiti, mas muitos sacerdotes não crêem em zumbis, mas deixam que o povo creia para que sejam mais respeitados. Vejamos um ritual do Haiti. O rei e a rainha do vodu presidem as cerimônias. O rei usa um diadema, traz belos lenços pendurados no corpo (em maior número do que os participantes) e um cordão geralmente azul. Este rei sabe que não existe vodus zumbis, e sim "espíritos" de antepassados. Mas deixa que os crentes acreditem, para tornar-se forte. Em 1939 Zora Hurston publicou o relato de uma menina morta, de família rica, que foi encontrada anos depois de sua morte trabalhando como escrava numa loja. Foi resgatada por freiras francesas e colocada num convento. Vinte anos depois a mesma história corria ainda no Haiti, com muitas outras alterações de detalhes.

Uma coisa é certa: poucos destes relatos devem ser tomados a sério, mas as lendas dos escravos mortos-vivos devem ser registradas neste livro sobre práticas do Haiti, pois são de conhecimento geral na ilha. Os demônios também são outra crendice muito comum na ilha. Mas se formos buscar a antiga crença religiosa dos brancos da Europa, na época medieval, por exemplo, encontraremos demônios por todo lado. Acreditavam os padres, os sábios de então, em centenas de demos. Vejam só alguns: *Adramelech*, grande chanceler dos infernos; *Baltozo*, nome de um demônio que aparece nos acontecimentos da possessão diabólica de Laon; *Beliche*, demo da ilha de Madagascar; *Behemoth*, demônio que se apresenta sob a figura de um boi; *Caym*, demônio de categoria superior; *Asmodeu*, um dos mais famosos; *Eurinome*, de categoria elevada;

Lúcifer, ou *Satanás*, *Rimon*, de categoria inferior; *Sabacius*, chefe do Sabá dos bruxos; *Vepar*, terrível duque infernal. E muitos outros adorados por toda a Europa medieval.

Outros mortos também são invocados no Haiti. São os *vivi* e os *baka*. São invocados para dar sorte. Ambos devem ser tratados com cuidado. Se sua força se libertar, destruiriam o senhor. Para invocá-los o melhor local é o cemitério. E muitos praticantes do vodu no Haiti dizem que se iniciaram no vodu só para ficar livres do perigo futuro da zumbificação... assim, é claro que os chefes vodus deixam que os crentes levem isto a sério para terem cada vez mais adeptos...

A palavra zumbi vem do termo *zemi*, da língua dos índios arawak, e quer dizer deus ou espírito. E o culto do zumbi deu origem ao Barão Samedi, deus dos mortos. O zumbi é, assim, um cadáver ressurreto por artes mágicas.

O zumbi não "incorpora". Ele existe, dizem os adeptos. Mas, os loas incorporam. Dã, a cobra sagrada, fica guardada numa caixa. O rei a põe no colo e depois a faz subir pela rainha vodu. Então a rainha "incorpora" o santo-cobra, e dança pelo salão. É uma bela dança, mais bela ainda do que a da Dambalá de Nova Orleans. Ela é uma pitonisa sensual, bela e ardente, em volteios e requebros. No final da incorporação todo seu corpo fica em estado convulsivo e o oráculo fala pela sua boca. Ela lisonjeia e promete a felicidade, ora prorrompe em exprobrações e, ao seu desejo, dita lei que os adeptos têm que cumprir; caso contrário (ela diz), matará seus adeptos. E todos em voz alta cantam... É noite no Haiti, noite negra de feitiços, de bruxedos e assombrações... barões sábados andam pelas ruas, brancos e esverdeados, feios e descabelados... é a magia do Haiti...

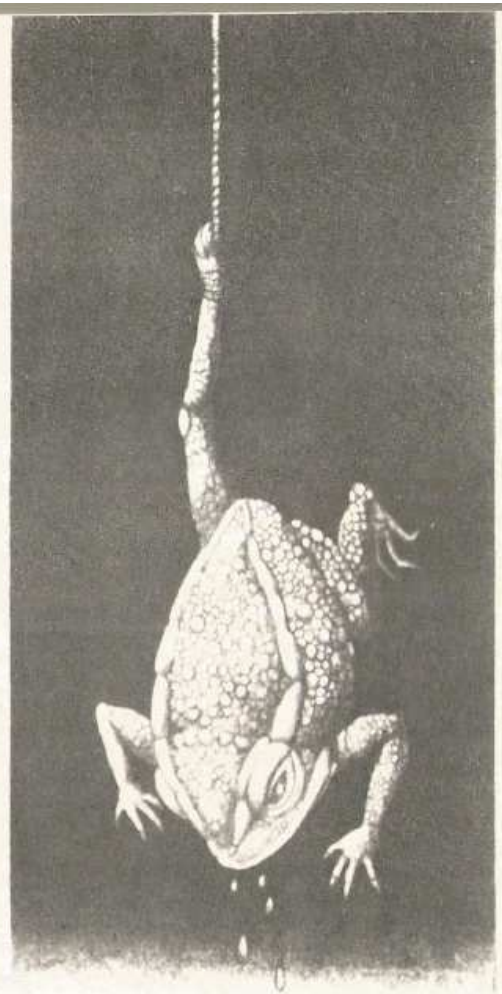
"Ê, ê, Namba. Ê, ê.
Canga Cafio té
Canga moune dèlé
Canga doki la
Ganga li."

Repetem em coro no círculo mágico vodu...

Como são feitos os zumbis

Numa sexta-feira, o vodu vai ao cemitério. Invoca o Barão Samedi. Abre a catacumba onde houver um ser humano recém-enterrado. Em seguida faz um sinal cabalístico na testa do defunto (uma cruz ao contrário) e chama-o na língua africana dizendo: "Ocó vodu magniam." Ou "mona (se for uma mulher) vodu magniam". Os zumbis então sairão do caixão, num estado de semiconsciência, em que serão joguetes dos chefes vodus. Estes restos mortais para se revitalizar terão que usar a energia de outro ser vivo que será posto em contato com eles pelo chefe vodu. Esta energia virá de um outro iniciado no vodu, que o chefe leva com ele para o trabalho de zumbificação do morto.

O zumbi assim vitalizado anda, trabalha, mas não tem consciência, sendo dirigido pelo voduno chefe.



*

10º

capítulo

O PANTEÃO VODUICO

O embruxamento. A eromancia.
Animais do vodu.
A vara mágica que risca
o círculo de poder.

*

*

Ao raiar o dia o culto termina. Todos fazem uma refeição comunal. E junto com eles converso e saboreio a boa comida creoula do Haiti. É comida apimentada e forte. Todos estão alegres. Chegou-se a mim uma velhinha negra, de carapinha branca, fumando um cachimbinho, e me diz:

"Você conhece Femme-chêche? É meu guia..."

Aproveito para perguntar sobre os espíritos do Haiti, que trabalham no vodu.

"Taureau Duchêne, Criminel-Petro, Guéde l'orage, Roi d'Angole, Marie-Louise, Brisé, Femme-Chêvhe, Ersulie-Balianne, Mawu, que é o grande deus dos daomeanos e que aqui se chama o Grand-Maître, Dangbé (a cobra), Wédo (o arco-íris), Papa Legbá (Exu), Agoun Badagry, (Ogum, orixá iorubano), Loko, (o Iroko dos yorubas), Aguase, deus da tradição, Agbéto, gênio do mar, Pié Jupité-Tonnè (kebioso), Gbeji-nilú (gênio campestre)."

Vejo que o panteão mitológico dos voduns tem deuses da África, quer dos Fons, Aradas, Minas, Bibis, Mahis, quer Congos, Nagôs, Ibos e Cangas, quer criados na imaginação dos moradores daqui, quer de influência branca. O mais querido é Legbá, o senhor das encruzilhadas e dos caminhos. Daí a canção bem conhecida no Haiti: *Papa Legba ouvri barié pour moin, ago-é...*

A Legbá sacrificam-se carneiros, galinhas, e mil comidas gostosas.

Aliás, o sacrifício faz parte dos três elementos essenciais nas cerimônias deste culto. As outras são a dança e o êxtase. A dança é importante para que os *hounsi* e os outros adeptos recebam o *loi*, na cena culminante. Os tambores marcam o ritmo da dança. O tambor sagrado *rada* é indispensável nas cerimônias. O rufo do tambor sagrado, uma vez ouvido, não se esquece jamais... "tem um caráter hipnótico e febril, diferente de qualquer outro ruído de tambor conhecido."

Há três tipos de tambores: *rada*, o menor e o mais venerado; o segundo, de tamanho médio, chamado *second*; o terceiro, maior que os outros, chamado *mamam*. Há ainda um quarto tambor enorme, do tamanho de uma barrica, que só é tocado em casos especiais. Ele é sempre coberto com um pano, para abafar-lhe os ruídos. Campainhas e *açon* completam os instrumentos rítmicos.

Trabalho vodu para o dinheiro

Faz-se uma bola de cera branca e coloca-se o nome da pessoa ou do local de onde poderá vir o nosso dinheiro. E rola-se esta bola de cera numa rua de árvores pensando que a vida está andando para a frente.

O bocor, o bruxo, o e o punhal

Além destes adeptos já especial: o *bocor*. Ele é o ma massas populares negro-hait é um homem muito influer sacerdote. É um homem que trabalhos, mas não precisa d com os loas como os reis e ra espécie de curandeiro. Tambe fazem muitas vítimas no H mágicas são do domínio do b círculos mágicos mais consa *mágico* é a figura circular qu crevendo-se um *triângulo*, u *salomão* e outros sinais. que guardar o evocado (mago) dos malignas invocadas. Ao lado haver candelabros, talismãs, de nogueira, bonecos etc.

O bocor usa chifre de ve bálsamo tranqüilo, mandrágor É muito querido por estas ba

Ele usa um *punhal de cabo* assim: no dia de Legbá (segun estiver cheia no horizonte, toma

corta-se com o mesmo um cabo de chifre de bode, que seja branco, preparado um pouco antes para que tenha serventia. Quando se terminar coloca-se o cabo. Depois coloca-se o punhal numa bolsa de seda vermelha e perfuma-se com pó de pétalas de rosas.

O embruxamento – A figura de cera

Este bruxo também faz o embruxamento (em latim, *vultus*). Faz-se uma figurinha de cera, remedo da pessoa que se quer enfeitiçar. Quanto mais exata a semelhança, mais possibilidade de êxito possuirá o malefício. Se na composição do *volt* (efígie) o bruxo puder incluir algumas gotas de óleo ou vinho consagrado na missa, melhor... Coloca-se um pedaço de unha, de cabelo, de roupa da futura vítima. A tradição vodu manda que se batize a efígie. Que se consagre, que se case, que se dê a eucaristia. Depois vem a cerimônia de execração. Crivase a figura de alfinetes, de punhaladas, xinga-se, prague ja-se... O bruxo vodu lança mil injúrias contra a vítima. Assim me contara no Haiti, em noite de lua redonda, quando sapos coaxavam e corujas piavam nos matos próximos...

Eromancia: adivinhação antiga vodu

Outra prática que aprendi com os feiticeiros foi a da eromancia. Consiste no seguinte: o consultante tapa sua cabeça e rosto com um pano e segura nas mãos uma vasilha com água. Então o feiticeiro faz a pergunta que o consulente deseja. Se a água lhe parecer que está fervendo, é certo que tudo irá bem.

Animais vodus e os planetas mágicos

Vários animais são usados pelo curandeiro. Eles acreditam que certos animais têm relação com os planetas. Por exemplo: Saturno – cão, galo, cabra. Júpiter – águia, pombo, galinha. Marte – abutre, lobo e vaca. Sol – leão, peixe, gato. Vênus – cabrita, gata. Mercúrio – macaco. Lua – gato, cabra.

Com os pêlos, ou sacrifícios destes animais eles fazem as suas feitiçarias. As cabras são os animais prediletos dos bruxos através dos tempos. Parece que (segundo os ocultistas) o demônio tinha uma predileção em tomar a forma deste animal quando se apresentava aos seus seguidores e adoradores.

Outro trabalho que os feiticeiros vodu fazem é o batismo dos inicados. Usam como água batismal a água das fontes. Vejamos como ocorre...

Primeiramente fui batizada com água e depois me deram a varinha ou bastão mágico dos chefes. A varinha ou cetro do mago é um dos mais antigos instrumentos que aparece em todas as operações de índole litúrgica. Serve para traçar o círculo mágico na terra, como é um meio de dominação ao qual as potências evocadas obedecem cegamente. Todos os mestres do ocultismo asseguram isto. A varinha mágica para ter poder deve ser feita numa quarta-feira de lua, entre as 23h e as 24h, pronunciando-se estas palavras: VODU MAGNIAN. Cortada, a varinha deve ser consagrada, fazendo-se com ela três cruzes no ar, de frente para o Norte. Assim fiz minha vara mágica ou bastão vodu... assim me iniciei também no curandeirismo vodu, práticas mágicas que misturam as de origem africana com as da velha feitiçaria européia.



*

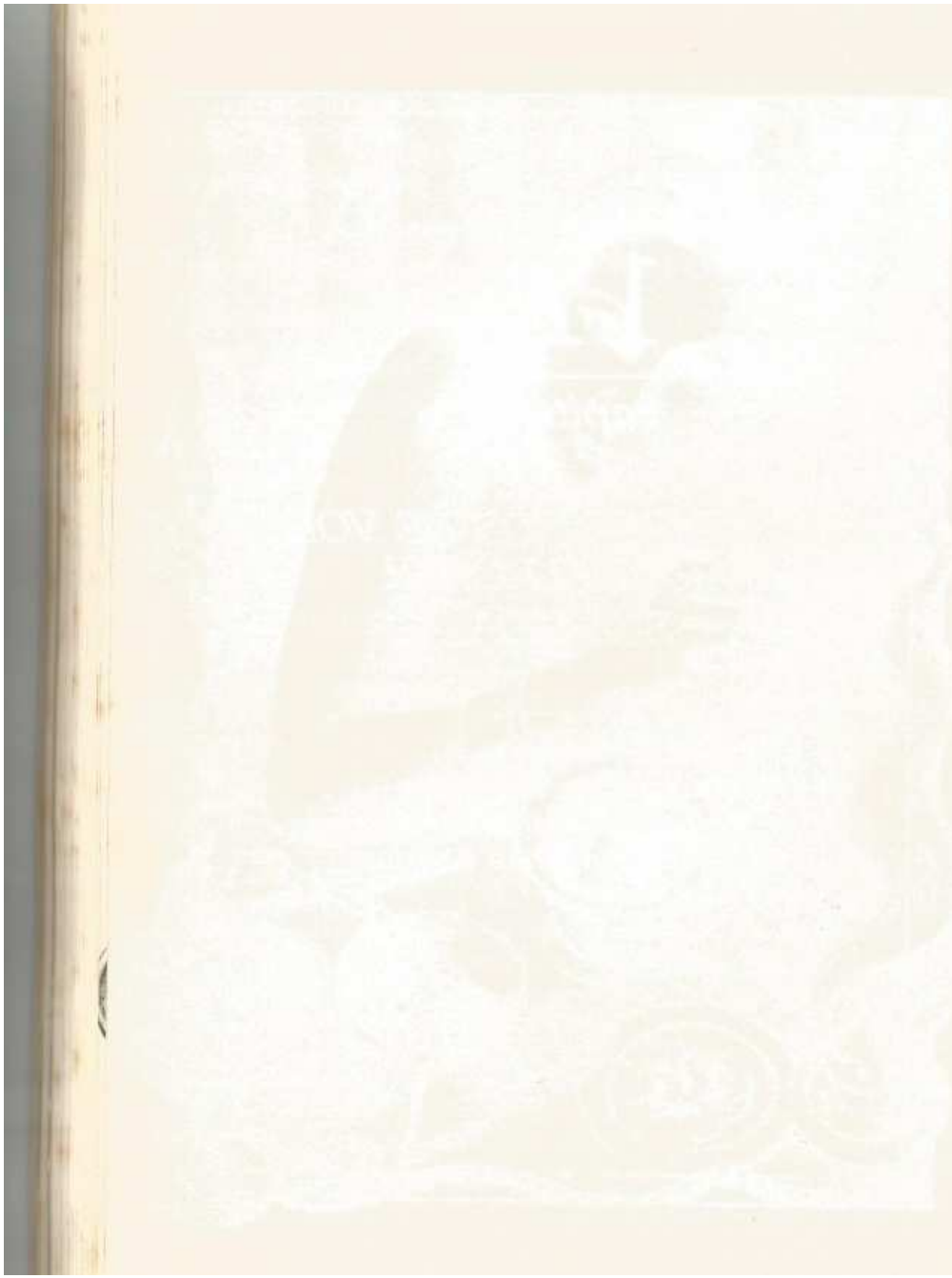
11º

capítulo

TREZE TRABALHOS DE VODU PARA MELHORAR SUA VIDA

Para amor, dinheiro,
sorte na profissão,
saúde, e caminhos abertos.

*



*

Com os sacerdotes vodu aprendi a fazer cerca de 100 trabalhos para sucesso pessoal. Apresento aqui treze dos mais simples para que você, leitor, tenha soluções infalíveis.

Para atrair prosperidade

Faça o boneco com massa de modelar e amarre nele um papel com o nome da pessoa que poderá ajudá-la(o). Deite o boneco no centro de um círculo de nove velas acesas. Coloque nove moedas no círculo. Ofereça ao loa do dinheiro.

Para ser feliz no amor

Prepare o boneco, escreva o nome da pessoa amada num papel e amarre-o nele. Se tiver um retrato dela, cole-o no rosto do fetiche. Coloque vinte velas amarelas e ofereça ao loa do amor.

Magias do amor no rito vodu

Pega-se um *obi* (fruto africano) e parte-se em cinco pedaços. Escreve-se o nome das pessoas que se deseja

amarrar e coloca-se junto. A seguir coloca-se tudo numa "quartinha" cheia de mel e enterra-se num local onde haja árvores.

Outra magia de amor no rito vodu é a seguinte: Pega-se sete rosas e espeta-se em cada uma o nome da pessoa amada com alfinete virgem. Arria-se as rosas para Dambalá, com sete bolas de cera branca, sete velas brancas acesas, um copo com mel, cachaça e uma fava pichurim. Oferecer tudo, como dissemos, à cobra da vida, *Dã Vodum*.

Para atrair clientes

Lave sua loja com água, amoníaco, açúcar e noz-moscada. Ofereça ao loa da fortuna.

Para atrair a sorte

Prepare o boneco. Coloque nove punhados de arroz ao redor do boneco e ofereça ao loa da sorte.

Para viver um amor ardente

Na lua cheia, nova ou crescente faça o boneco. Prepare-o. Disponha nove pimentas vermelhas em círculo. Acenda nove velas vermelhas. Coloque mel no boneco.

Para ter mais saúde

Prepare o boneco e espalhe pipocas num círculo com nove velas brancas. Mentalize o pedido, oferecendo-o ao loa da saúde.

Para conseguir uma promoção

Prepare o boneco e coloque-o num círculo traçado no chão com giz. Acenda vinte velas vermelhas e azuis. Ponha uma moeda velha em cada vela. Peça a promoção ao loa da fortuna.

Para ficar mais atraente

Faça uma infusão de pétalas de rosa com água e tome um banho com essa poção. Invoque o loa da beleza e prepare o boneco. Coloque-o no meio de um círculo com nove rosas vermelhas e nove velas vermelhas. O ritual deve ser feito num sábado de lua cheia.

Receita do pó da sedução

Em primeiro lugar a pessoa deve tomar um banho de atração com uma caixinha de bórax, um pouco de canela em pó e uma colher de chá de açúcar. Depois do banho deve-se passar o pó da sedução nas mãos, nas solas dos pés, e fazer uma cruz em cima do sexo. A receita do pó, segundo Marie Laveau, a mais famosa maga vodu do Haiti, é a seguinte:

Uma noz-moscada ralada
Uma fava de tonga ralada
Pau de canela ralado
Açúcar mascavo
Pó de pemba
Pó feito com fava da felicidade ralada e socada no pilão
Pó de benjoim
Raspas de juá
Raspas de fava vodu